

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COM. T. DE GUIMARÃIS
ISADO PELA
DE CENSURA

Horas bárbaras

XIV

A êste demorado e confuso período de enfraquecimento (1), com a Polónia combatida pelas desavenças e retaliações interiores, e dilacerada pelas investidas dos poderosos inimigos externos, que lhe premiam e retalhavam as duas fronteiras do oriente e do occidente, poi termo o reinado feliz de *Casimiro-o-Grande* (1333-1370). E essa felicidade proveio mais do seu bom senso administrativo e político do que, propriamente, das suas qualidades guerreiras. Não obstante, quando a força tinha a palavra, *Casimiro III* soube também reafirmar o indomitado valor guerreiro, já tradicional, daquela raça cavalheiresca, e o rutilo brilho da espada, que caracteriza esta primeira dinastia dos *Piast*. Consertada a paz no occidente pelo tratado do Vissegrado, em 1335, em que reconhece a suzerania dos reis da Boémia sobre a Silésia, mediante a renúncia definitiva destes às suas pretensões ao trono da Polónia, e em que, com os Cavaleiros Teutónicos, igualmente se concilia, cedendo-lhes a Pomerânia, mas em troca da Cuiávia e da Dobrzin, que eram as suas últimas conquistas (sendo certo que nesta parte, não teve pacífica solução o tratado, por falta de acordo do Senado Polaco e pela intervenção de Roma), *Casimiro* conquista rapidamente a Ruténia Vermelha, dirigindo a sua política no sentido de obstar à expansão lituana, que «na mesma época e pelas mesmas razões geográficas, procurava alargar-se para o sul. Os dois estados chocaram-se nos confins da Galícia e depois de três anos de lutas, *Casimiro*, ajudado pelo Rei da Hungria, seu cunhado, tomou sobre o seu domínio a Volhinia. Esta aquisição foi o ponto de partida de novo avanço para o Mar do Norte, que os seus sucessores do século XV atingirão.» (*Mallon*) Mas o reinado de *Casimiro* releva-se na história principalmente pela sua obra de político, de legislador e de economista. E se aquela o denomina de *Grande*, em justa apologia da sua obra, o povo, que foi sempre o mais sagaz crismante, familiar e reconhecidamente o tratava como *Rei dos Lavradores*, em gratidão do seu génio em defesa da gente de trabalho contra as ambições e prepotências da nobreza.

Da Dieta de 1339 sai uma espécie de pacto constitucional, que é considerado como o primeiro dos *pacta correntia* da Polónia; em 1347, em Visliza, reinem os afamados comícios, em que foi reformada toda a legislação polaca: «a autoridade, até então ilimitada, dos paladinos e governadores — os nobres (chefes dos distritos, desde o esboço, que já mencionamos, da primeira divisão administrativa, e que eram os senhores dos castelos, com jurisdição territorial) e os juizes, ficou estritamente defenida, e não mais lhes foi lícito quer pronunciar uma sentença, quer infligir uma pena, se não na observância de um código de leis civis, que lhes foi entregue. Além do que, e para arrumar com escandalosos abusos, foram atribuídos honorários aos juizes, que se faziam até aí pagar pelas partes, a quem eles próprios ditavam o preço de suas sentenças.» (*Hauréau*) Na história do direito, na Polónia, ele é saudado como tendo mandado pôr em vigor o primeiro Código de Leis, unificador da legislação, organizador da justiça, libertador das classes trabalhadoras — e confessemos que não são pequenos títulos para a glória do seu nome. Em 1364 criou a Universidade de Cracóvia, sobre o modelo da Sorbona, quinze anos, portanto, depois da de Praga, que foi a primeira da Europa Central. Construiu caminhos, facilitando o movimento da vida social e a circulação dos produtos, e cintou as cidades de muralhas. Como sino também da raça, era forte e amoroso. Assim como, nas histórias populares da Polónia, se repete que ele encontrara «uma Polónia de madeira e deixara uma Polónia de tejo», assim também o mostram voluptuosamente reclinado nos braços das amantes. Mas de repente se erguia, para correr ao campo de batalha, como para repelir a invasão dos lituanos e invadir a Galícia e a Wilhinia, fazendo prisioneiro o Duque de Dubart (hostilidades que terminam pelo tratado de 1366), segue uns conselhos avisados, como as da sua favorita Esterka, a quem, segundo os analistas, se deve o ele ter facilitado com garantias e privilégios a entrada na Polónia dos judeus expulsos da Alemanha, e que lhe traziam os seus dinheiros e o seu valor mercantil. O último rei da dinastia dos *Piast*, *Casimiro*, que havia apenas duas filhas e escolhera como sucessor Luís de Anjou, filho do Rei da Hungria, morreu da queda do cavalo, numa caçada, em 8 de Novembro de 1370.

(1) Entre *Boleslau III* (e devemos rectificar que ao III e não ao II se referia o n.º 407, nestas notas resumidas da história) e *Casimiro-o-Grande*, de que hoje tratamos, há um período confuso na vida histórica da Polónia, que deixamos caracterizado em o n.º anterior, em que não pode afirmar-se sua sucessão de reinados, embora alguns historiadores a relacionem. Assim, a morte de *Boleslau III*, a encontramos dividida por três soberanos: *Boleslau IV*, *Henrique*, *Miescilau*. Os nobres e os bispos anulam o já rito testamento do *III Boleslau* e proclamam *Casimiro II*, Rei de toda a Polónia. Ficou lhe o cognome de *Justo* pela sua honestidade e observância das regras da equidade. A sua morte, em 1194, nobreza e clero voltam a querer repetir a eleição do monarca, e escolher o mais velho dos filhos de *Casimiro*, *Lesseck*, o que despertou a revolta de *Miescilau*, e lutas entre os dois partidos, até que o eleito, colhido de surpresa, morre em combate, defendendo-se, de espada na mão, sózinho, contra um bando de guerreiros adversos. E os eleitores voltam a escolher um filho de *Lesseck*, *Boleslau-o-Casto*, que, atingido a maioridade, em 1239, casou com Cnegnudes, filha do Rei da Hungria, fazendo ambos voto de um ano de continência, durante o matrimónio, voto que todos os anos renovavam. E' no reinado de *Boleslau Pudicus* que, em 1240, se dá a invasão dos Tartaros, em que se destaca a heróica defesa do Paladino Vladimiro, vencedor no reconto sangrento de Chmielnik. Mas as armadas cristãs levantam-se, e novas guerras assumem o ardor de guerras religiosas, a que, aplainadas, se sucedem guerras civis e contendas com os russos. Pela sua morte, em 1279, aquele «que não reinou, mas viveu», segue-se-lhe no governo *Les-*

Farpas

A lição da homenagem

Lá estivemos ontem na homenagem justa que foi prestada ao Sr. Presidente da Câmara. E de tudo quanto ouvimos, e de todas as afirmações que se fizeram tivemos a confirmação do que aqui dissemos no último número do «Notícias».

A população vimaranesa, o concelho de Guimarães, estão saturados das lutas assopradadas, em má hora, por questões pessoais que tem de ser postas de lado para que a nossa terra progreda.

Fez bem o Faria Martins em lembrar a coincidência curiosa de ter sido num distante dia 28 de Novembro de distante ano, que Guimarães se ergueu para levantar bem alto a sua voz e o seu protesto.

Ligando o passado ao presente, feito um minucioso exame de consciência, verificar-se há que só pela união de todos os esforços, que só pela colaboração de todos os vimaraneses, a nossa cidade se pode engrandecer e prosperar.

E uma vez que isto se verifica e uma vez que foi possível a manifestação grandiosa de ontem ao sr. Presidente da Câmara, manifestação que marca um acontecimento de vulto na história da nossa histórica cidade, todos os ressentimentos, todas as paixões, todas as nefastas questões pessoais se devem pôr de parte, para que o apregoador amor à terra não constitua mais um nariz de cera, sempre pronto a aplicar quando seja necessário mascarar atitudes ou encobrir reservadas intenções.

O Dr. Alfredo Pimenta, vimaranesense ilustre e primoroso escritor contra-revolucionário, deu um magnífico exemplo do que é o amor à terra, vindo expressamente de Lisboa para, como vimaranesense, se associar à homenagem prestada ao Sr. Presidente da Câmara.

Que êste exemplo frutifique e seja seguido por todos os homens de boa vontade. A união de todos os vimaraneses à volta do ilustre Presidente da Câmara, sr. dr. João Rocha dos Santos, afirmada nesse grandioso banquete de ontem, significa que todo o concelho compreende e sente a obra municipalista, equilibrada e bem dirigida que se vem seguindo e que a todos beneficia.

Como há muitos anos, os bons vimaraneses voltaram a juntar-se na defesa, no engrandecimento e no progresso de Guimarães. E é esta a grande lição da homenagem de ontem, que ficará memorável.

São João das Caldas,

no dia do Pinheiro-1939.

X. X.

Os 6.000 Contos são vendidos este ano

pela Casa das Novidades.

Habilite-se, pois, para não se arrepender.

seck-o Negro, Duque de Sieradz, que trava violentas contendas com os lituanos. Se já era precário, e apenas nominativo, o título de Rei da Polónia, mais precário se torna ainda durante os governos de *Boleslau*, Duque de Ploch, *Henrique-o-Sério*, *Vladislau-Lokietek* e *Przemislau*, que se fez sagrar Rei da Polónia em 1295, mas cujo reinado durou apenas sete meses, vindo ele a morrer assassinado no fim duma orgia carnalívica: e o domínio voltou a *Vladislau-Lokietek*, que misturando a ébria das vitórias guerreiras com a dos prazeres lascivos, vai suscitar-se a concorrência de *Venceslau*, Rei da Boémia, que logo tomou sob o seu domínio alguns distritos: mas, valioso e tenaz, depois de anos de lutas cruentas com inimigos internos e externos, se fez sagrar Rei da Polónia, na Basílica de Cracóvia, em 1320. Dêle era filho *Casimiro-o-Grande*.

GAZETILHA

As *Nicolinas* marcaram, toda a gente entusiasmaram, foram festas a valer; a *Comissão* de estudantes mostrou seus feitos gigantes, deu provas do seu querer.

As *NOVENAS* — um colosso! (Outro termo eu não posso aplicar-lhes com justiça). A *Comissão* tocou bombo, mas no colchão, com o lombo, amamentando a preguiça.

A «Entrada» do PINHEIRO foi sucesso verdadeiro, em tempo algum igualado; o povo compareceu, e seu tempo não perdeu pois viu... três juntas de gado.

A «POSSE» e a ROUBALHEIRA, pelo menos a primeira, teve grande animação; a música nem se ouviu, e o fogo, que explodiu, foi muito perto do chão.

Admirável o PREGÃO que a *briosa* Comissão fez transformar em pagode. Mas em grande taboleta, os que não chupam da «teta» pregaram-lhe êste *bigode*:

AOS ESTUDANTES VELHOS

Vereis amor da *Festa*, não movido De prêmio vil, mas alto e quasi eterno: Que não é prêmio vil ser conhecido Por um *Pregão* — antigo ou hodierno! E agora direis, qual é mais excelente Se amar a tradição ou «mentir» a gente.

Os novos que não fazem parte da COMISSÃO das FESTAS.

Ora toma lá!

As *MAÇÃS* e mais as *DANÇAS*, como fidalgas heranças, que a Tradição lhes legou, atingiram tal grandeza de pelintrie e tristeza, que muito *velho* corou.

Meu rico S. Nicolau, não seas assim tam mau tem pena da *Festa* tua; arranja o sétimo ano p'ra lhe não causarem dano essas *crianças*... na rua.

BELGATOUR.

Ainda a Homenagem ao Sr. Presidente da Câmara

Por lapso, na reportagem que fizemos do banquete de homenagem ao Ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. Dr. João Rocha dos Santos e na parte referente aos brindes, deixamos de mencionar o nome do Ilustre Oficial da Armada, Sr. Comandante Carvalho Crato, cujo brinde publicamos na integra.

Também por lapso deixamos de dizer que os vimaraneses residentes em Lisboa e Porto, em elevado número, mandaram, também, telegramas associando-se à justa homenagem.

Ainda o "quere,, e o "quer,,

Sr. Director: — assim, sim. Assim, pode a gente entender-se, conversar, testilhar, sentados à mesma mesa, diante de uma xícara de chá, num dize tu direi eu ameno e correcto, até amigo, sem receio de traíções ou armadilhas. Assim, até gosto de cavaquear o meu bocado, — não em obediência a teima que é coisa que não uso, como o demonstra toda a minha vida literária, mas em sujeição ao propósito de me esclarecer.

Não se trata, aqui e agora, de gigantes e pigmeus — o gigante seria eu, o pigmeu seria o sr. G.; não se trata das nossas pessoas. Trata-se apenas de, lealmente, de boa fé, sem nos desrespeitarmos, apurar se se pode empregar *ad libitum*, as formas *quere* e *quer*, numa equivalência fonética que não prejudica o ritmo dos versos.

Porque esta é que é a questão. Tudo quanto seja sair disto é paisagem que só redonda em prejuizo de quem o fizer.

Se tenho ruindades ou não também é outro problema. E' bem possível que as tenha todas. Mas não é de averiguar-lhe que se trata. Do que se trata é de se saber se podemos empregar indiferentemente a forma verbal *quere* ou a outra — *quer*, sem prejudicar a música de um verso.

Fechado, pois, o parentesis, e restabelecido o ambiente amistoso, cordial e sereno — comentarei ainda o que o sr. G. invoca na sua última nota.

E' claro que se trata do verbo *quere*. Não está em discussão o problema do *quere* (3.ª pessoa do sing. do pres. do indic. do verbo *querer*) e do *quer* (conjunção) ou em locução conjuntiva. O que se discute é o problema das formas *quere* e *quer* na 3.ª pes. do sing. do pres. do indic.

Ambas lícitas? Nada tive, nada tenho com isso.

O que não aceito é que ambas sejam foneticamente equivalentes, isto é, que *quere* = *quer*. A diferenciação ortográfica corresponde uma diferenciação fonética. Quem escrever *quere* terá que ler e obrigará a que se leia *quer*. Quem quiser que se leia *quer*, terá que escrever *quer*.

Ambas lícitas?

Vamos a ver se arrumo de uma vez para sempre a questão. Vou gastar um bocadinho de tempo — mas assim é preciso.

A nossa discordância gira à volta do seguinte:

Eu disse que *quere*, como dissilabo que é, estragava o verso onde o poeta tinha dito o monossilabo *quer*; o sr. G. contestou, alegando que, foneticamente, tanto o *quere* como o *quer* são monossílabos.

Consequentemente, para mim, *quere* = *quer* + e; para o sr. G. *quere* = *quer* — e.

Trata-se de um engano do sr. G. e dum engano fecundo em enganos.

Quem, pela primeira vez, reivindicou a forma *quere*, modernamente, foi, salvo erro, Gonsalves Viana, numa notinha discreta dum trabalho seu hoje bastante esquecido.

E com que fundamento reivindicou Gonsalves Viana o *quere*? Com o fundamento de que é assim que se pronuncia! Para o eminente filólogo, porque se pronuncia *quere*, deve escrever-se *quere*.

Efectivamente, ao falar do verbo *luzir* que faz no presente do indicativo — *luzo, luzes, luz*, Gonsalves Viana, em nota, escreve:

«E' manifesto erro de ortografia o reduzir a este tipo a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *querer*, escrevendo *quer* em vez de *quere*; basta acrescentar-se-lhe o acusativo do pronome da 3.ª pessoa (o, os, as) para se tornar evidente que a verdadeira escrita é *quere*, pois que no dialecto culto ninguém dirá de certo *quê-lo*, mas sim *quere-o*, como *sê-o, doure-o, tire-o*, etc. A conjugação porém, nenhum inconveniente há em que se escreva *quer*, diferenciando-se assim do verbo...» (Exposição da pronúncia normal portuguesa, pág. 66, nota).

Portanto, para Gonsalves Viana, devemos escrever *quere*, porque pronunciamos *quere*; para provar que assim pronunciamos, ele invoca o *quere-o* do «dialecto culto».

Isto é mais do que bastante para desalojar o sr. G. da sua posição — quando pretende que, foneticamente, as formas *quere* e *quer* são equivalentes, e quando diz que são lícitas as duas formas verbais.

Nem se diga tratar-se de exagêro exegetico meu.

Quanto ao aspecto da pronúncia, diz o sr. Rodrigo de Sá Nogueira:

«a comissão reformadora de ortografia adoptou a grafia *quere*, não porque em todo o país assim se diz...» (este duplo itálico é meu), mas porque predominava aquela pronúncia.» (*Questões de linguagem*, I, pág. 70).

Repare-se bem — «... não porque em todo o país assim se dissesse...»

Quanto a não serem lícitas as duas formas, e portanto a ter o sr. Prof. José Maria Rodrigues muita razão, quando, na Lírica de Camões, adoptou a forma *quer*, basta-nos abrir qualquer Vocabulário.

O mais antigo, o de Gonsalves Viana, dá:

«quer, conj.»;

«quere, 3.ª p. pres. do verbo querer; ex.: quere-o».

O mais moderno, o do sr. Peres Montenegro:

«quer, conj.»;

«quere, v. querer».

António da Costa Leão ensina: «a 3.ª pessoa do pres. do ind. dos verbos *querer* e *requerer* é *quere* e *requere*.» (*Prontuário de Ortografia*, pág. 100).

Repito o que por mais de uma vez tenho dito: não me pronuncio sobre se se deve escrever *quere* ou *quer*. E não me pronuncio, porque as razões alegadas a favor do *quere* não me convencem. Continuo a escrever *quer*; e o motivo formulado por Gonsalves Viana seria de receber se, na verdade, a forma *quere-lo* por *quere-o* não fôsse como é velhíssima na lingua, bem como a forma *quer*.

Da forma *quer* são às dezenas, os exemplos, nos Cancioneiros da Vaticana e da Ajuda; da forma *quere-lo*, há esta amostra no Cancioneiro da Vaticana, em poesia de João Baveca:

«Eu vol-o quero mha madre, dizer: quero-lh'eu ben e que-lo a mi e bem vos digo que noua mais ly.» (n.º 32)

No que insisto é que, foneticamente, contra o que afirma o sr. G., *quere* é dissilabo e palavra grave; *quer* é monossilabo.

No Cancioneiro da Ajuda, leio:

«... d'u eu amass outra molher mais ca vos; mais pois que Deus quer que eu a vos queira melhora», etc. (n.º 115)

No Cancioneiro da Vaticana, leio:

«Se m'el quer ben como diz ca mi quer, el faz guisa d'er poio fazer, nem lho gradesco, e ey que agradecer a deus já sempre mays que poder...» (n.º 335)

No Cancioneiro de D. Dintz, leio:

«nom cuida que o'jome quer tam gran bem no mund'a molher» (n.º 101)

Em Camões, na Lírica, edição de José Maria Rodrigues:

«Uma diz que me quer' bem Outra jura que me quer'; Mas em jura de mulher Quem crerá, se ellas não crem?» (pág. 2).

ou

«Menina tende maneira Que ainda não venha a ser Pois não quereis quem vos quer', Que queiras quem vos não queira» (pag. 5)

Diante destes exemplos, quem há, porventura, que ouse dizer que *quere* rima com *mulher*, com *fazer*, *agradecer*, *poder*, e *ser*?

Admita o sr. G. que o verbo *querer* tem imperativo. Seria, na hipótese, *quere*! Pronuncie-o, e terá bem clara a distinção fonética que teima em negar.

J. Huber diz que «*quere* ist eine Analogiebildung wie *faze, praze, doe, soe, sae*» (*Alptugiesisches Elementarbuch*, § 378, n.º 21).

Seja como for, o que é indiscutível é que a razão de ser da sua indicação como única forma lícita e correcta é a pronúncia, no «dialecto culto».

Quanto ao *quere* Amor do soneto de Camões, eu não disse que não tinha o mesmo número de sílabas; disse e digo que *quere* Amor e *quer* Amor são expressões fonéticas diferentes. *Quer* Amor = *queramor*; mas a forma *quere* Amor = *queriamor*. Se, metricamente se equivalem, porque o e final se funde no a inicial, foneticamente são diferentes, porque na segunda expressão, há um leve som intercalado entre as duas palavras, que não constituindo sílaba, nem porisso deixa de se fazer ouvir.

Não chama o sr. G. para juiz, «qualquer poetasinho», porque também ninguém se lembrará de invocar a autoridade de um minorista para se decidir um problema de Dogma, ou a de um boticário, para se resolver qualquer questão de terapêutica. Interroge, se quiser, a autoridade de

As Comemorações Centenárias

A guerra travada entre três principais potências europeias e as perturbações a que deu causa, gerou, entre nós, a divi-la sobre a realização das comemorações nacionalistas. Espíritos apaixonados por um lado, pessimistas por outro, fizeram espalhar, consoante as doentes preocupações ou seus maldisimulados rancores, que «não havia direito de festejar-se o oitavo centenário de Portugal como a Europa em estado de guerra».

Salazar, porém, orientador e seguro das suas decisões, esclareceu: guardadas as naturais preocupações, acatadas as concomitantes consequências, sem tração pelos nossos compromissos seculares — o País conservar-se-á, como a maioria das nações europeias, neutra. Como tal e na medida do possível, o nosso programa continua.

Esta resolução optimista só não agrada aos que procuram tirar partido da desordem e da anormalidade. Uns tantos que especulam ou dão opiniões para os outros... que passaram à história com a designação pitoresca de «cachapins», disfarçadores de situações onde colham resultados ou estejam ao abrigo dos perigos.

Os «cachapins», da guerra e da paz, verificam que a persistência nacional lhes transtornava os propósitos e vaticínios. Os que acreditaram facilmente no que eles prognosticaram — também podem agora aceitar que até a anormalidade, quando prolongada, toma aspectos correntes. Se a guerra das três potências se prolongar, não deixaremos de viver, melhor ou peor, como até aqui; e como aliás tem sucedido com outras guerras, travadas mais perto ou mais longe de nós.

Chegou a Lisboa, há poucos dias, o delegado do Brasil junto da Comissão Executiva da comemoração dos Centenários de Portugal, que, em declarações officiosas à imprensa, veio ratificar o concurso da República irmã às nossas festas. Concurso intelectual e material, prestigioso e digno do nosso maior apêlo, o povo brasileiro e o seu Governo declaram que não se associam platónica ou protocolarmente — em franca adesão. Há que contar com ela e considerá-la prestigiosa colaboração em todos os actos onde Portugal deseja acentuar a sua expansão territorial, de idioma, de colonialismo, de religião. A evocação da grandeza nacional sem o Brasil seria incompleta; com o concurso assegurado, é naturalmente retumbante.

Segundo as declarações officiosas do sr. dr. Lima Júnior, a representação marcará nos congressos, nos cortejos, nas exposições — em todas as manifestações onde a amizade e colaboração luso-brasileira tenha pontos de contacto. A gloriosa tradição de lusitanidade será, nas comemorações, fortemente acentuada.

Mas não serão só as representações culturais ou materiais que manifestarão o concurso do país amigo. Os brasileiros desejam, pessoalmente, associar-se às festas nacionalistas, vindo em homenagem à Europa, com seus navios mercantes e unidades navais. A guerra não os intimidou e mal de todos nós, portugueses, brasileiros e outros moradores do Universo, se, em 1940, o Atlântico Sul não dispuser de tranquilidade bastante para os navios poderem realizar as suas rotas, desfilando bandeiras de países neutrais.

Procedendo assim o Brasil, semelhantemente devem proceder as colónias de Portugal espalhadas pelo Mundo. O concurso que foi solicitado está de pé e, segundo orientação de Salazar, deve ser cumprido e honrado na medida do possível. A guerra não deve servir de motivo para faltar a compromissos anteriormente tomados, logo que de Lisboa, capital do Império, surgiu o apêlo a todos os portugueses espalhados pelo Mundo.

Nomeadamente em relação aos territórios que constituem o Império ultramarino português, essa colaboração tem de ser honrada. As duas grandes colónias de Moçambique e Angola onde o portuguêsismo já tem seu monumento erecto, devem acentuar as suas posições no conjunto territorial da Nação. Do Extremo Oriente a sentinela expansionista, que é Macau, deve vir a Lisboa «acender o seu farol da Guia». Da tradicional Índia, onde o patriotismo nunca foi vacilante, deve ir a afirmação dum longínquo senhorio, que marcou na História Pátria um facto imorredouro. Das Ilhas portuguesas do Atlântico e do Índico tem de vir, igualmente, o concurso certo que, no seu todo, equilibre a participação brasileira, procurando, quanto possível, o paralelismo da expansão lusa em todos os continentes.

Assim como o Brasil vai mandar os seus trofeus e padrões históricos, os seus produtos e a demonstração das suas progressivas actividades, a afirmação das suas manifestações intelectuais e sociais, as suas deputações pessoais — assim devem proceder as colónias portuguesas. Recordemos que estas mandarão a exposições interna-

um foneticista ou de um Poeta que o seja de verdade.

Se depois de quanto falo dito o sr. G. se não dá por convencido, então é porque é impermeável a razões objectivas e, nesse caso, toda a discussão é inútil.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o seu amigo,

Alfredo Pimenta.

cionais europeias documentários prestigiantes, que marcaram a civilização portuguesa na assistência, no fomento, na agricultura e na expansão. Isso que foi praticado para festas estrangeiras, embora com reflexo internacional, tem mais razão de ser agora para uma comemoração da grandeza e projecção como a que está projectada para o próximo ano. As colónias portuguesas devem mandar para a colaboração nas exposições histórica e etnográfica, para os cortejos, para as cerimónias a realizar no berço da nacionalidade, todos os elementos de que possam dispor — os padrões, os códices, as estampas, as maquetas, as reproduções de senhorio, de assistência, de progresso. Com eles, os naturais das várias raças, os mais característicos e representativos, procurando acentuar na grande festa nacional — que será íntima se não puder ser espectacular, para os outros verem, como argumentam e desejam «os velhos do Restêlo» de todas as iniciativas portuguesas... promovendo-se assim a reunião de todos os povos e de todas as raças que vivem para Portugal ou Portugal tenham no coração.

Mimoso Moreira.

Do «Rádio Nacional» n.º 12.

Críticas Pequenas

Há dez meses precisamente que o Saber Lingüístico de Augusto Moreno honra a terceira página do *Janeiro* progressivo.

Nem sempre o Grande Mestre encontra consultores à altura dos seus recursos.

Nem sempre o Filólogo eminente enverga a capa benigna da Tolerância nos limites que se impõem.

Em 3 de Julho condenava o emprêgo do verbo *reprovar* no sentido de *ficar reprovado*. E condenava-o terminando assim: — O tal «F. reprovou» é absolutamente tolo e abusivo. — Já o Cândido querido também assim remava contra a maré.

Também Agostinho de Campos tem dessas inectivas.

Fará algo essa intolerância? Será vencível a maré rija, contradição?

Não nos parece. Em gíria académica são vulgares os verbos *gatar* e *chumbar* no sentido de *ficar reprovado*.

Aqueles dous verbos transitivos e intransitivos acarretaram o uso de *reprovar* também como intransitivo.

A analogia é sempre um factor não despreciable.

Quem houver recebido os *Estudos* e vir, logo na primeira página, o Doutor D. António Pereira Forjaz a dizer que «Brunetiére reprova no seu 1.º exame» poderá ficar surpreendido, mas terá de concluir que a maré alta do *reprovar* intransitivo passou a ser irresistível.

E' muito curioso o Artigo do ilustre Professor sobre «Quando os grandes homens eram pequenos» e oferece nos preciosos exemplos de talentos precoces e génios tardios.

G.

Agradecimento

A Comissão Promotora da homenagem ao Ex.º Presidente da Câmara, Sr. Dr. João Rocha dos Santos, vem manifestar o seu muito reconhecimento a todas as pessoas que contribuíram para o brilhantismo dessa homenagem, bem como à imprensa que tão espontaneamente prestou a sua valiosa colaboração a essa manifestação de simpatia e apreço ao ilustre Vimaraneense.

Esta Comissão fez entrega à Casa dos Pobres da quantia de Esc. 100\$00 proveniente de 4 inscritos que não compareceram ao banquete realizado.

Guimarães, 4 de Dezembro de 1939.

A Comissão Promotora.

Vende-se uma casa com dois andares, na Rua de S. Dámaso, com o N.º 1. Ver e falar na Av. Miguel Bombarda N.º 32 — Guimarães.

ESCRUPULO E JORNALISMO

E' sempre grande — mesmo muito grande — a responsabilidade de quem dirige um jornal de maior ou de menor circulação, diário ou não diário. Essa responsabilidade, porém, não é — ou, pelo menos, não deve ser — limitada às pessoas que exercem esses cargos de direcção. Por direito e por força das circunstâncias, ela tem de ser extensiva às pessoas que de qualquer forma fazem jornalismo, embora dentro de uma acção muito restrita. E não são, apenas, os jornalistas de primeira classe que devem assumir as responsabilidades dos seus escritos, mas debaixo dela devem estar também os de inferior categoria, inclusivamente aqueles que se entregam à missão de simples correspondentes. Uns e outros, pois, estão sujeitos às consequências de qualquer acto que pratiquem na imprensa, uma vez que se afastem do caminho que a Lei lhes determina. E, de facto, só assim se poderá conseguir o melhor resultado possível do papel importantíssimo que a imprensa desempenha, como factor de primeira grandeza, na vida dos povos.

Não é a má imprensa, aquela que faz a propaganda das más doutrinas, aquela que deturpa os factos e contraria as verdades; aquela, enfim, que segue caminho contrário ao do bem, que presta bons serviços à humanidade. Pelo contrário, essa prejudica, porque corrompe, desmoraliza, coloca a mentira onde deve estar a verdade, etc., etc. E não são simplesmente as grandes coisas que revolucionam, em determinados casos, o culto que todos devemos ter pela pureza da verdade. Há uns chamados *pequenos nadas* que dentro da esfera da imprensa podem dar motivo a lamentáveis contradições, quando, sobretudo, se trata daquelas notícias inseridas em «Correspondências» de diversas localidades, que, no geral, não passam despercebidas ao leitor, sempre inclinado a tomar conhecimento do que se passa por esse mundo além...

E', portanto, atendendo a esta circunstância, que a missão de um simples Correspondente é muito delicada porque é, igualmente, muito espinhosa — motivo porque nem todos os temperamentos humanos se adaptam a ela. Quantas e quantas vezes os corpos directivos dos jornais são convidados a fazer rectificações de notícias que traduzem exactamente o contrário da verdade? Ora, se isso sucede, é porque — ou voluntária ou involuntariamente — os responsáveis fogem à verdade, do que muitas vezes pode resultar um juízo muito errado de pessoas ou de instituições de qualquer natureza, ou de umas e de outras ao mesmo tempo, com reflexo na própria terra a que a falsidade da notícia disser respeito. E a provar que assim é, há vários casos passados nesse sentido e ainda ultimamente se passou um que atinja injustamente a Santa Casa da Misericórdia, da cidade de Guimarães, sobre os socorros prestados a dois indivíduos da Póvoa de Varzim, que foram vítimas de um desastre, quando passavam, de motocicleta, num freguesia deste concelho, depois do que foram transportadas à citada Casa de Caridade e imediatamente socorridos por distintos clínicos que ali prestam serviços. Esse facto, de que a imprensa se ocupou muito largamente, a-fim-de dar o seu a seu dono, foi mais um daqueles que se tem dado devido à falsidade de certas notícias e que está, portanto, dentro das considerações aqui feitas. E sem discutir a boa ou má intenção de quem foge à verdade de determinadas notícias, o certo é que o resultado é sempre desagradável. Neste caso, por exemplo, era viciada a primeira Instituição de Caridade de Guimarães, onde não há precedentes de semelhante natureza. Por isso, nem quem superintende na sua administração nem o próprio corpo clínico dessa Casa seriam capazes de descurar um caso que necessitasse de rápida ou imediata intervenção médica e só por um acto de irreflectida resolução de quem fornece notícias aos jornais poderia vir a público aquela que em correspondência da Póvoa de Varzim publicou o «Diário do Minho», na melhor da sua boa fé, e tanto assim que deu imediata publicação a um dementido do sr. Provedor da já referida Casa de Caridade, respeitante ao assunto.

E aqui está como uma notícia sem o mais ligeiro fundamento deve ter causado, nas primeiras impressões, desagradável conceito no espírito de quem a leu, acerca da Instituição apontada, que pode ser considerada modelar dentro do fim a que se destina e não aquilo que certas pessoas julguem em contrário.

Mas, de resto, a referência a este facto é devida, somente, ao acaso de ter vindo a propósito de considerações de carácter geral, visto que quem não deve, não teme, embora se diga que da calúnia alguma coisa fica...

Zé da Aldeia.

Casas Vendem-se 8 situações na rua da Liberdade, com os n.ºs 62-64, 66-68, 70 e 74. São livres e alodiais, estando as duas primeiras arrendadas e a última devoluta, tendo esta um bom quintal.

Os pretendentes podem dirigir-se ao sr. Alfredo de Sousa Félix, rua da República, para saber as condições da venda.

AS NICOLINAS

As Festas Nicolinas começaram pobres, pobres continuaram e pobres acabaram. E' bem entendido que esta referência diz respeito às Festas que findaram no pretérito dia 6 com a pobrezinha entrega das maçãs. Entre o presente e o passado a diferença é tão grande que dela se pode tirar a conclusão de que chegou a hora aguda da agonia... Jerónimo Sampaio, José de Pina e outros devem sentir os calafrios da contrariedade, que por certo lhes tortura o coração, de assistirem aos últimos momentos de uma tradição que a velha Academia Vimaraneense soube criar e soube manter com desusado brilho e rara animação durante vários anos.

Nicolinas de outros tempos e Nicolinas de hoje! Como é triste a recordação daqueles anos de rijas Festas em que o Santo Nicolau recebia as mais alegres e as mais imponentes homenagens dos estudantes liceais de Guimarães! Tempos saudosos que o decorrer dos anos tem transformado em acabrunhadora melancolia, como, igualmente, em acabrunhadora saudade vive no coração dos apóstolos ainda vivos dessas Festas os nomes dos velhos estudantes que as adoravam e que pelo seu engrandecimento trabalharam sempre com a mais fervorosa dedicação. E para não melindrar a respeitadíssima memória de nenhum desses ilustres mortos, recordemo-lhes todos na invocação do nome de Bráulio Caldas, autor de encantadores «Bandos Escolásticos» e em muitos outros factos. Bráulio Caldas era, então, o príncipe das Festas Nicolinas e tinha a sua Corte constituída por verdadeiros companheiros de iniciação, de actividade e de tudo mais que se tornava indispensável ao bom êxito das Festas. Era esse o tempo de «antes quebrar o que torcer» e por isso nunca faltou o entusiasmo, a dedicação, a camaradagem e o próprio sacrifício. E quem havia de sonhar que o eco de toda essa grandeza e toda essa imponência se havia de desfazer em carregada sombra daquilo que tende a desaparecer?!

Estudantes velhos e semi-velhos! E' preciso que as Nicolinas não morram e para isso é necessário o carinho de uns e de outros. Em vez, pois, de agonia, ressurreição! Tem a palavra Jerónimo Sampaio.

Um semi-velho.

ESCLARECIMENTO

Tendo a firma Pinto & C.ª, desta cidade, e da qual é sócio gerente mentio Alvaro Alves Pinto, intentado contra mim uma acção summarissima no valor de Esc. 222\$00 importância esta referente a transacções comerciais que há cinco anos tive com a firma Figueiredo, Pinto & C.ª, declaro que, se não effectuei voluntariamente o seu pagamento foi porque estava convencido de que o seu montante não correspondia à verdade. E ainda porque nunca foi minha vontade ver-me envolvido em questões judiciais ou processos criminaes, pois a minha conduta é bem conhecida, resolvi pagar à firma da qual meu querido tio é sócio gerente a importância porque foi acionado, isto é, os Esc. 222\$00.

Guimarães, 7 de Dezembro de 1939.

João Alves Pinto.

Segue o reconhecimento. 195

CALÇADO BARATO

O maior sortido em Calçado de Agasalho. Lindos modelos em sapatos com 1/2 salto, desde 20\$00. Sapatos para homem e senhora a 7\$00. Galochas e botas altas. Tudo mais barato. Só na Camisaria Martins.

138

A Casa das Meias.

CONFETARIA

Trespasa-se bem afreguesada, por motivo de saúde. Ver e tratar na rua de Camões, desta cidade.

O NATAL dos nossos pobrezinhos

NATAL! Está à porta o grande dia da Humanidade — aquele grande dia que o Mundo viu nascer, na suprema Beleza duma Esperança, cheia de Redenção — que havia de tornar os Homens mais irmãos pelo espírito e pelo amor. Filhos de Deus — os homens esqueceram depressa as Promessas de Jesus, e os seus ensinamentos e exemplos de Fraternidade e Caridade, ainda hoje — passados 1939 anos —, são recordados pelos pobrezinhos de alma lavada e simples como as almas das crianças... E' que os Pobres trazem, no seu magnífico coração, o Evangelho Cristão: cumprem-no e rezam-no numa contemplação bendita que sobe do seu pensamento ao Céu...

Todos devem procurar fazer como os pobres — praticá-lo: os nossos queridos leitores, a exemplo dos outros anos, vão — disso temos a doce certeza — concorrer para minorar um pouco a sorte dos desgraçados — contribuindo com um óbulo, por mais pequeno que seja, para a Noite da Grande Ceia, em que Ricos e Pobres se reúnem em Santa Comunhão de Família.

— Está aberta a nossa subscrição!

	Transporte (a)	
Abílio Pinto Barros (Santo Tirso)	271\$00	
Adriano Sampaio Abreu	30\$00	
Major Joaquim R. Paiva	5\$00	
José Ribeiro de Castro e esposa (Taipas)	20\$00	
Agripio da Cunha Guimarães (Pevitê)	10\$00	
P.º António Pereira (Santa Eulália)	10\$00	
João Eduardo Alves Lemos (Extremoz)	20\$00	
P.º José Ferreira Leite	20\$00	
A. S.	10\$00	
Inácio Ferreira da Costa	5\$00	
Celestino Lobo (Infantas)	10\$00	
D. Eulália Melo	5\$00	
José Baptista de Abreu	5\$00	
José Fernandes Azevedo	2\$50	
Abel Cunha (Covas)	20\$00	
Rodrigo Pimenta	10\$00	
Domingos Barbosa de Oliveira	10\$00	
Luis Gonzaga G. Freitas	5\$00	
Hernâni Joaquim da Silva	5\$00	
Alberto Pereira Caldas (Calvos)	2\$50	
Francisco José Fernandes	5\$00	
Paulo Machado da Silva	2\$50	
Manuel Vaz Saraiva	5\$00	
P.º Gaspar Nunes	20\$00	
Manuel da Cunha Machado, Filhos.	5\$00	
Anónimo	5\$00	
Carlos Teixeira Pinto	5\$00	
D. Ludovina Fria de Matos (Pôrto)	5\$00	
Aurélio de Barros Martins	5\$00	
Abel Cardoso (Lisboa)	10\$00	
D. Maria Madalena de Freitas	1\$50	
A. L. R.	2\$50	
Francisco Laranjeiro dos Reis	10\$00	
António Pina da Silva	7\$50	
Augusto Aguiar	5\$00	
Francisco Carvalho Melo	2\$50	
Sindicato Nacional da Indústria Têxtil	20\$00	
Luis Correla de Sousa Areias	20\$00	
José Laranjeiro dos Reis	2\$50	
Francisco da Cunha Mourão	5\$00	
C. (Mesão Frio)	5\$00	
Adriano Dias (idem)	5\$00	
José de Abreu Guimarães (Silvares)	10\$00	
Augusto Joaquim da Silva Guimarães	5\$00	
Anónimo (Pevitê)	20\$00	
Armindo Ferreira da Cunha (Pôrto)	5\$00	
José Joaquim	5\$00	
António José de Sousa	7\$50	
Simão Costa	5\$00	
Paulo Ribeiro da Silva	5\$00	
Francisco Abreu	2\$50	
Um Colaborador do «Notícias de Guimarães»	20\$00	
Alberto Pimenta Machado	100\$00	
A Transportar	824\$50	

(a) Por ser de esc. 6\$00 e não de 8\$00 como mencionamos, a importância subscrita pelo sr. José Luis de Almeida, de Vilela, a soma passou a ser de 271\$00.

LARGO DE S. FRANCISCO

Conforme os anos têm passado, igualmente tem sido lembrado a quem de direito aquele tam esquecido Largo de S. Francisco, transformado em terreiro de ninguém!...

Sempre que se tem falado em aformoseamento da cidade, lá temos visto figurar o Largo de S. Francisco no meio das pretensões dos Vimaraneenses — para que não dizê-lo! — com justíssima razão. Em primeiro lugar, por que está junto de um templo onde a Caridade e a Fé se praticam em bem larga escala e em segundo lugar, por que é a continuação do jardim principal da cidade.

Por tanto, não faz sentido que o Portão Largo, com mais ou menos erva e com maior ou menor aparato de coradouro público, continue a dar uma triste ideia daquilo que tem sido a indiferença das pessoas junto das quais têm sido feitos vários apêlos no sentido de o transformar em zona citadina.

Tal como se tem conservado é que não pode ser de forma alguma e muito principalmente devido à circunstância que se dá quanto à realização das Festas Centenárias, para as quais tudo se prepara, a-fim de que nada falte do indispensável nas terras onde essas Festas terão lugar, entre as quais se encontra Guimarães. E como o asseio e limpeza fazem parte integrante dos melhoramentos que serão levados a

efeito nessas terras, cá estamos novamente a contarmos com o Largo em referência, apelando, desta vez, para o ex.º Presidente da Câmara, vimaranense a quem a sua terra é devedora de um elevado número de benefícios e a quem, por certo, muitos mais ficará a dever, visto que sua ex.ª não deixará de continuar a dispensar-lhe o seu valioso préstimo e a sua dedicada boa vontade para que, assim, o futuro se torne de cada vez mais fértil em realizações que coloquem esta terra dentro do verdadeiro progresso. E por que plenamente convencidos estamos disso, do mesmo modo convencidos ficamos de que o Sr. Presidente da Câmara não se esquecerá do Largo de S. Francisco, embora subordine o seu arranjo às possibilidades do Município.

E se há cousas que mais vale não mexer, não deve, porém, estar nesse caso o mencionado Largo, onde mais vale um ligeiro arranjo do que a continuação do estado em que actualmente se encontra. O pouco corresponde, em numerosos casos, a muito...

X.

Grande Lotaria do Natal

6.000 contos

Para habilitar-se à sorte grande, compre na

CASA DAS NOVIDADES

TELEFONE 149, GRANDE PALPITE.

DESPORTO

Vitória 3--Sporting de Fafe 0

Perante a maior assistência da temporada, realizou-se, no passado domingo, no Benlhevai, o encontro entre o Sporting Club de Fafe e o Vitória Sport Club, saindo mercadamente vencedor o «team» vimezanense por 3 bolas a 0.

A partida teve pouco brilho, porque quer na parte técnica, quer no capítulo entusiasmo, nada revelou de notável.

O grupo vimezanense foi, ainda assim, o que mais se evidenciou, merecendo bem o resultado, que lhe adveio do manifesto domínio que exerceu sobre o adversário.

O pior sector da equipa alvinegra foi a linha dianteira, onde só Laureta actuou a altura das circunstâncias. Se os outros tivessem procurado imitá-lo, a derrota do Sporting iria muito mais longe. Zeferino jogou também inferiormente na primeira metade do encontro.

Os fazedores fizeram uma má exibição, tam má que só uma vez obrigaram Ricoca a intervir a sério.

Pelo que aqui lhes vimos fazer afigura-se-nos que não será injustamente por eles ocupado o 3.º lugar da classificação geral.

Arbitrou, sofredivelmente, o sr. Custódio de Sousa.

Em desafio preliminar, as Reservas do Vitória bateram bem as do Sporting de Fafe por 7-0.

Queremos aqui reprová-la incorrecta atitude do jogador António de Oliveira neste encontro, pelo que ela revela de anti-desportivo. O adversário não é um inimigo—é um adversário.

E não vamos mais longe...

Hoje, em Barcelos, realizou-se o último jogo do presente Campeonato. Se o Vitória, como esperamos, triunfar, conquistará de novo o título de Campeão do Distrito, que, diga-se sem qualquer espécie de paixão, muito bem lhe assentará por ser incontestavelmente o mais bem apetrechado. Se perder, será relegado ao segundo lugar, batido pelo goal-average. E de crer, porém, que os rapazes, medindo bem o alcance da partida, se não deixem surpreender pelo entusiasmo do adversário e se esforcem por sair vencedores.

E isso vai acontecer, por certo!

J. G. de Freitas.

CEIA DE CONSOADA

Pela Mesa da Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano foi dirigido aos Vimezanenses a seguinte circular:

«Ex.ºm Sñr.

Vai-se aproximando a grande festa do Natal, que é, ou deve ser uma festa de amor fraterno.

Todos os corações bem formados sentem e compreendem este dever sublime de caridade exaltado por Jesus Cristo.

Na medida em que o quadro da miséria se torna mais negro, mais devem brilhar as acções generosas para com o seu próximo, nas pessoas mais favorecidas em haveres materiais.

Nessa noite esperam já os pobres-nhos uma Ceia farta.

A Mesa da Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano, desta cidade, no desempenho da sua sagrada missão, pede a V. Ex.º a costumado e generoso auxílio para a tradicional Ceia do Natal no seu Albergue.

A MESA.

NOTA — A recolha das esmolas é feita na Barbearia do Sr. Simão Costa, à rua de Santo António».

O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA

MOTOR

Vende-se um em bom estado, inglês. Informa P. & Maia, Lda. Rua Paio Galvão—Guimarães. (190)

Teatro Martins Sarmiento

"Pôrto ao Sol,"

No passado dia 6, exibiu-se no Teatro Martins Sarmiento a revista em 2 actos e 20 quadros — **Pôrto ao Sol** —, da autoria de Arnaldo Leite e Heitor de Campos Monteiro, que Piero realizou com música de Raúl Portela, Bernardo Ferreira e Frederico Valério.

Embora literariamente bem escrita, e melhor musicada, contudo ressentia-se da crise de graça que vai por esse mundo além.

Arrasta-se demais no pieguismo da recordação saudosista do passado e falha, por vezes, na sequência a que o título nos predispõe. A exemplo, citaremos o quadro «50 % em tudo!!!» Já o víamos pela quarta vez, o que excede em paciência a nossa tolerância crítica. Mas, adiante que a procissão já ultrapassou o adro: **Palácio da Ilusão, Obras de Júlio Diniz, Pérolas e Raparigas do Carvão**, muito especialmente esta última, marca pelo seu ineditismo, salvam a reputação dos autores.

Não fôra também a inspiração dos encenadores, que bizarramente nos deleitaram os olhos com os seus trabalhos, a revista classificá-la-se em plano inferior pelo sem propósito de alguns dos seus quadros. Haja em vista a «Maria Madalena» que Carmencita Aubert compôs, muito bem, que de *tripeiro* tem muito pouco — salvo se se verificar modernismo que fuja ao nosso conhecimento de pessoas achegadas ao Pôrto.

Depois, a pressa com que tudo foi representado, os números retirados de cena e o nadinha de abuso que vários artistas emprestaram aos tipos compostos, em nada se coadunam com o nosso modo de apreciar a arte de Talma. Carmencita Aubert merecia forte pateada quando abusou da paciência ilimitada do público com risinhos de criança inexperienced das coisas do palco, pois a sua *girl* não lhe dava o direito de brincar, e até embuchar, com os exageros de Teresa Gomes, no papel de *Corista*, que, quanto a nós, tinham justificação.

O restante desempenho da Companhia teve altos e baixos, merecendo no entanto especial referência Cremilda na *Beldona*, Carmina Pereira na *Rapariga do Melro* e na *Carvoeira*, Teresa Gomes no *Ferro Velho*, Soares Correia no compère — *Zé de Gatinhas* —, Jorge Gentil no *Mendigo* e Alfredo Ruas no *Baton*.

A bailarina americana, Lilian Goldwin, agradeceu plenamente, lamentando-se apenas a pobreza de cenário em que a fizeram dançar.

O guarda-roupa dos ateliêres Paiva, sob figurinos de Pinto de Campos, demonstrou a probidade do alfaiate e o seu bom gosto.

C.

O Côche do Correo

Áquilo a que temos chamado Carroça do Correo — mas com benevolência acerca da classificação — outros há que entendem que nas ruas da Cidade transitam veículos de pior espécie, mediante o que quem não souber do que se trata se não pela leitura da imprensa, há-de ficar a supor que temos sido injustos nas apreciações que temos feito. Pois bem: Não seja *carroça* e seja *côche*, mas fiquem todos os nossos leitores a saber que a Câmara Municipal tem um pequeno carro destinado ao lixo das ruas, que é incomparavelmente mais decente do que aquele que está a ser destinado à condução das malas do Correo para a Estação do Caminho de Ferro. O facto de pertencer ao condutor — e que não é novidade para nós nem para quem nos tem lido desde o início da nossa campanha — não quer dizer que esse condutor ou qualquer outro tenham o direito de amesquinhar uma terra que deve estar muito acima duma localidade de pretos. Também nada temos com a remuneração que o mesmo condutor recebe, visto que se esse argumento

destruísse a lógica e a razão da nossa campanha, também ninguém teria o direito de protestar se de hoje para amanhã aparecesse quem fizesse o transporte por metade da remuneração actual, mas com a condição de substituir a Carroça por uma *padola* l... De resto, sabemos de tudo quanto se tem passado com este mal-fadado caso, mas a nossa consciência de filhos de Guimarães é que não se considera satisfeita com a falta de uma solução que faça justiça à nossa terra e que ao mesmo tempo dignifique a Administração Geral dos Correios e Telégrafos e o próprio Estado. Portanto, sem outro fim que não seja o de pugnarmos por uma aspiração absolutamente justa, não deixaremos de bombardear — embora com balas de papel — a carroça em questão, indigna do fim a que se destina, por que é um exemplar que compromete seriamente um povo que herdou dos seus antepassados o exemplo do patriotismo, da nobreza, do Amor ao trabalho, etc., etc. E tudo isso se há-de esquecer?

Não! Mil vezes não!...

da cidade

Diversas Notícias

Tribunal

JULGAMENTOS

Acusado de um crime de violação, na pessoa de Zydrada Lopes de Oliveira, solteira, servil, de 19 anos, natural da freguesia de Infias, deste concelho, e residente nesta cidade, o qual foi praticado em princípios do corrente ano, respondeu na passada segunda-feira, em tribunal colectivo, o sr. José Ribeiro Pinheiro, casado, industrial, da Rua da Liberdade, desta cidade, sendo condenado em pena de 3 anos de prisão correcional, levando-lhe em conta o tempo de prisão sofrida, na hipotese de vir a cumprir essa pena; 1.000\$000 de imposto de justiça; 5.000\$000 de insumização à queixosa. Esta pena foi declarada suspensa por dois anos, ficando a suspensão dependente do pagamento da indemnização à ofendida, no prazo de 8 meses, a contar do dia 4 do corrente.

Foi defensor o advogado sr. dr. Sá Tinoco, de Braga.

Em Tribunal colectivo, constituído pelos juizes das camaras de Guimarães, Santo Tirso e Felgueiras, responderam Francisco Martins Pereira, solteiro, carpinteiro; António Abreu Matos, casado, carpinteiro, e José da Costa Cardoso, solteiro, lavrador, todos da freguesia de S. Torcato, sendo acusados, o 1.º, de um crime de homicídio frustrado e de ofensas corporais, na pessoa do co réu António de Abreu Matos; o 2.º, de ter dado umas facadas no Francisco Martins Pereira; o 3.º, de ter dado uma sacolada no António de Abreu Matos, sendo condenados: o Pereira, na pena de 4 meses e dez dias de prisão correcional dada como expiada com a prisão preventiva já sofrida, e em 20 dias de multa, à razão de 1\$000 por dia; na multa de 100\$000 por falta de manifesto de revólver; em 1.000\$000 de imposto de justiça, e ainda em 100\$000 de indemnização ao Matos. Esta pena foi-lhe aplicada por não se provar a intenção de matar, nem tão pouco o crime de ofensas corporais; o Cardoso, em 32 dias de prisão correcional e cinco dias de multa a 1\$000 por dia; em 1.000\$000 de imposto de justiça, e em 100\$000 de indemnização ao Matos. Este foi absolvido, visto provar-se que foi em legítima defesa que praticara o crime.

Fôram advogados de defesa dos réus Pereira e Cardoso o sr. dr. José Pinto Rodrigues; e do Matos o sr. dr. Fernando Aires.

Em tribunal colectivo respondeu Alberto Salgado, viúvo, sapateiro, natural da freguesia da Oliveira, e residente em Urgeses, acusado de na manhã do dia 7 de Agosto último, ter assassinado sua mulher com umas facadas, sendo condenado na pena de 8 anos de prisão maior celular, seguida de degrêdo por 12 anos, em possessão de 1.ª classe, ou na alternativa, na pena fixa de degrêdo por 25 anos, 1.000\$000 de imposto de justiça e acréscimos legais, e 10.000\$000 de indemnização a favor de seus filhos.

Distribuição do dia 4

Acção sumariíssima da Sociedade Avelino Mendes Ribeiro & C.ª, com sede nesta cidade, representada pelo seu sócio gerente Avelino Mendes Ribeiro, casado, proprietário, mora dor em S. Torcato, desta comarca, contra Filomena Maria Rosas, moradora em Mourisco do Vouga, comarca de Agueda; acção sumariíssima, da mesma sociedade, contra a sociedade comercial M. Veiga & Fernandes, com sede na vila de Olhão, representada pelos seus sócios gerentes Mário Veiga e Venceslau Fernandes.

Liceu Martins Sarmiento

Na manhã de ante-ontem realizou-se no Liceu Martins Sarmiento a abertura solene das aulas, com a assistência das autoridades civis, militares e eclesiásticas, pessoas de representação, professores, alunos, etc. A cerimónia principiou com os alunos entoando o Hino Nacional. A seguir o sr. dr. Feliciano Ramos,

digno Reitor do Liceu, proferiu uma alocução alusiva ao acto. A oração de Sapiência foi proferida pelo professor daquelle estabelecimento de ensino, sr. dr. José Francisco dos Santos. Houve depois distribuição de prémios aos alunos mais aplicados, encerrando-se a sessão com a marcha da Mocidade Portuguesa, cantada pelos alunos.

Corporativismo

Assumiu as funções de Chefe da Secretaria do Sindicato Nacional da Indústria Textil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães, o sr. João de Almeida Lopes, do Pôrto, que se dignou apresentar nos os seus cumprimentos. Agradecemos a gentileza.

Câmara Municipal

A Câmara, em sua última sessão, deliberou: colocar um fontanário público na rua Elias Garcia, de Vizela; conceder ao escritor sr. Jerônimo de Almeida o subsídio de 2.000\$000 para a publicação de um roteiro da cidade de Guimarães, ficando este com a obrigação de entregar à Câmara, gratuitamente, cem exemplares da referida obra, e autorizar, desde já, o pagamento de 1.000\$000 à «Casa dos Pobres», de Vizela, subsídio respeitante ao mês de Novembro.

Ordem do Exército

Pela última Otdem do Exército foram colocados, respectivamente, em Infantaria 15 e 8, os nossos prezados contrerâneos e amigos, srs. Majores António de Quadro Flores e Mário Cardoso.

Pela Polícia

Pelo crime de falta de respeito e desobediência, foi preso e entregue ao tribunal, o «Zé Nana», solteiro, caiador, residente no lugar do Ourado.

Por ameaças de morte e assalto à residência, queixou-se à polícia, João Martins, casado, moleiro, da freguesia de S. Martinho de Candoso, contra José de Abreu, casado, moleiro, e Domingos de Freitas, casado, operário fabril, da mesma freguesia.

Registo Civil

Nesta repartição pública houve, no mês de Novembro, o seguinte movimento: óbitos, 115; nascimentos, 245; casamentos, 31.

Festas Nicolinas

As Festas Nicolinas, anunciadas na forma do costume — mais ou menos na forma dos últimos anos — na noite do dia 29 de Novembro último, terminaram na quarta-feira, sem quasi se dar por elas.

Mal andaram os nossos académicos em anunciar uma coisa que sabiam já não podiam realizar.

Para fazer pelintras que só envergonham a Terra e a própria Academia, julgamos ser preferível não fazer nada e deixar mergulhar, definitivamente, na tumba, essas festas que foram a alegria da mocidade estudiosa e uma das mais curiosas e interessantes tradições de Guimarães.

As festas, propriamente ditas e no dizer de Jerônimo Sampaio — um entendido a fundo da matéria — compõem-se de dois números, sem dúvida dois números que em outros tempos atingiram a maior imponência e foram orgulho dos nossos estudantes de então: Cortejo das maçãs e Danças.

Este ano as festas foram anunciadas por um pobríssimo cortejo do «Pinheiro».

No dia 4 efectuou-se um mais pobre ainda cortejo para cumprir a posse das «Posse». No dia 5 não houve Pregão, também conhecido por Bando Escolástico e no dia 6 — o dia das festas, por ser dia de S. Nicolau — realizou-se só o «Cortejo das Maças», que foi mais um espectáculo de penúria e de desleixo...

Ainda bem que as festas já terminaram.

Sorteio adiado

O sorteio-brinde promovido pela Direcção da Associação Artística Vimezanense, que devia de realizar-se ontem, 9 de Dezembro, do corrente ano, ficou adiado para o dia 27 do mês de Abril do próximo ano.

Desastre — morte

Na fábrica do Alto, da Firma João Ribeiro da Cunha, Filhos, da freguesia de S. Jorge de Selho (Pevideim), quando lançava uma correira no tear em que trabalhava, foi por esta colhido o operário José Joaquim da Costa, de 23 anos, casado, da freguesia de Brito, deste concelho, que ficou muito ferido, vindo a falecer pouco depois, no Hospital da Misericórdia, desta cidade, para onde foi imediatamente conduzido.

Com vista aos estrangeiros

Todos os estrangeiros residentes neste concelho teem, durante o mês de Janeiro do próximo ano, de apresentar ao visto, na Secção Policial da Câmara, os seus respectivos títulos de residência.

Os subditos espanhóis teem de se habilitar no referido mês de Janeiro, com novo certificado de nacionalidade.

Licenças de «porta aberta»

Nos termos do art.º 12.º do Regulamento do Governo Civil do Dis-

TEATRO
MARTINS
SARMENTO
E M P R E S A
JORDÃO & C.ª

HOJE,
às 15 e 21 horas

Uma produção riquíssima e duma hilariedade única

A volta ao mundo por um tostão

a melhor criação comica do popular FERNANDEL

Quarta-Feira, 14 de DEZEMBRO

Deana Durbin a inolvidável intérprete de 100 HOMENS E UMA RAPARIGA em

DOIDA POR MÚSICA

Jornais de actualidades FOX e UFA

trito, de 25 de Novembro de 1935, todos os proprietários de hotéis, casas de hóspedes, pensões, restaurantes, cafés, pastelarias, cervejarias, tabernas, botequins, etc., teem de requerer no corrente mês de Dezembro, as suas licenças de «porta aberta», para o ano de 1940.

Vida Católica

N. S. da Conceição — Na capelinha da sua invocação, nos subúrbios desta cidade e em vários templos, festejou-se ante-ontem, solenemente, a Padroeira de Portugal, com diversos actos do culto, tendo os fiéis implorado da Rainha da Paz, melhores dias para o Mundo inteiro e em especial para a nossa Pátria.

Santa Luzia — No próximo dia 13 haverá a solenidade em honra de Santa Luzia, no templo de S. Dâmaso, constando de missa solene, de manhã, e exposição, sermão, Te-Deum e bênção do SS.º Sacramento, às 17 horas.

Durante o dia e parte da noite a Milagrosa Imagem está exposta aos fiéis.

Na capelinha de Santa Luzia, à Rua de Francisco Agra, festejar-se-á, também, no mesmo dia e como é costume, a Santa Mártir, havendo de manhã missa cantada e estando a Imagem exposta aos fiéis durante todo o dia e a noite até às 23 horas. Naquela rua efectuar-se-á o tradicional arraial das «passarinhas».

S. Nicolau — Na igreja de N. S. da Oliveira houve no dia 6 uma missa em honra de S. Nicolau, mandada celebrar pela Mesa da respectiva Irmandade.

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhos, e de regresso da Africa Oriental, chegou há dias a esta Cidade, o nosso prezado contrerâneo e amigo sr. José Pereira Guimarães.

Doentes

Tem passado bastante encomodado a sr.ª D. Eulália Couto, hábil parteira diplomada desta Cidade. Desejamos as suas melhoras.

Tem passado encomodado o nosso prezado amigo e illustre Colaborador sr. P.º Domingos José da Costa Araújo, a quem desejamos rápidas melhoras.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

António Rodrigues Guimarães

Na avançada idade de 86 anos, faleceu em Pevideim, o antigo industrial sr. António Rodrigues Guimarães, pai do nosso prezado amigo sr. José Rodrigues Guimarães. O extinto era muito estimado no nosso meio pelo seu bom carácter.

O funeral, que esteve bastante concorrido, realizou-se na paróquia de S. Martinho de Candoso, tendo assistido muitas pessoas de representação no nosso meio.

A família dorida, apresentamos sentidas condolências.

Sufragando

Fôram muito concorridos os sufrágios por too alma da sr.ª D. Olinde de Lencastre, esposa do nosso prezado amigo sr. Antão de Lencastre, se celebraram há dias no templo de S. Sebastião.

Na Basílica de S. Pedro celebraram-se, com todo o cerimonial, as cerimónias do aniversário das almas, que tiveram grande concorrência de fiéis.

A Mesa da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, desta cidade, manda celebrar, no dia 19 do corrente, pelas 8 horas, na sua igreja, uma missa, em sufrágio da alma da sr.ª D. Maria Joana Peixoto Bourbon, da nobre casa do Salvador, deste concelho, falecida em Lisboa.

Anunciai no

«Notícias de Guimarães» e fazeis uma boa propaganda.

A Academia Portuguesa da História e os Centenários

Na última reunião da Academia Portuguesa da História, presidida pelo sr. dr. António Baião, deu conta este Académico dos trabalhos da Academia destinados às Comemorações dos Centenários da Fundação da Nacionalidade e da Restauração da Independência, que se encontram no prelo, e que são os seguintes:

Obras que se referem à Fundação da Nacionalidade

Dr. Rui Pinto de Azevedo — Documentos medievais portugueses. Tenente Coronel Augusto da Costa Veiga — Relatório acerca da localização da Batalha de Ourique.

Dr. Manuel Paulo Merça — As origens do executor testamentário.

Dr. António Baião — Memórias do Mosteiro de Pombeiro.

Dr. Alfredo Pimenta — Os Forais medievais Vimezanenses.

Dr. Alfredo Pimenta — Memórias do Mosteiro do Paço de Sousa.

Afonso de Dornelas — Crónica da fundação do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa.

Obras que se referem à Restauração da Independência

Dr. Possidónio Laranjo Coelho — Embarcadas do Conde da Vidigueira, Marquês de Nisa. Cartas originais a ele dirigidas pelo Governo Português. — Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-Rei D. João IV. — Cartas de Sua Magestade D. João IV aos ministros e Governadores do Reino.

Capitão Gastão de Melo de Matos — A rendição das guarnições castelhanas em 1640.

Capitão Charles Ralph Boxer — José Pinto Pereira, Vedor da Fazenda Geral da Índia e Conselheiro Ultramarino de El-Rei D. João IV.

Dr. Rodrigues Cavalheiro e Luiz Pastor de Macedo — Figuras e episódios da Restauração.

Dr. Rodrigues Cavalheiro — Cartas de D. João IV a D. João da Costa (Conde de Soure).

Dr. João Cabral do Nascimento — Gente das Ilhas na Guerra da Restauração.

Drs. Rodrigues Cavalheiro e Luiz Vieira de Castro — A Europa e o domínio Filipino em Portugal.

Dr. Gustavo Barroso — O Brasil e a Restauração de Angola.

MOCIDADE PORTUGUESA

LEGIÃO PORTUGUESA

Temos todos os artigos: Camisas, Calças, Meias, Chapéus, Bivaques, Calçado e todos os emblemas para a Legião e Mocidade Portuguesa.

Vende a

Camisaria Martins.

174

A Casa das Meias.

CÃO COELHOIRO

Faltou um rabino e todo preto. Gratifica-se a pessoa que indicar o seu paradeiro.

Alfred da Cunha Guimarães—Pevideim. 193

D. Adélia Augusta Ferreira Dias Brandão

D. Ida Irene Guimarães da Siveira vem, pela última vez, esclarecer o Ex.º Público de que, legalmente, é a única e universal herdeira daquela falecida Senhora D. Adélia, estando devidamente habilitada como tal, e que nunca reconhecem nem reconhece a qualquer outra pessoa, possuir direitos a tal herança, enquanto não fôr diso judicialmente convencida. 195

Ida Irene Guimarães da Siveira.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Do Concelho

Vizela, 1.

Quando há tempos aqui se disse que o sr. Alberto Pinto, primário por fazer exibir no Cine-Parque, durante esta temporada, filmes de reconhecido valor, não se fez a referência por simples reclamação ou ironia, mas sim por inteira justiça quanto aos já então projectados, e, simultaneamente, a outros futuros, de que já tínhamos alguma informação.

A verdade é que ali tem aparecido bons filmes: tanto em arte como em alcance moral; e não ser para quem vai ao cinema para dormir... e para ver quem lá está... não ligando importância alguma a tudo o mais!

— No pretérito domingo, passou o seu aniversário natalício a interessante Eliúlia, filha da querida do bom amigo Manuel Ribeiro de Vasconcelos. A interessada menina e a seus pais — por cuja data estiveram intimamente em festa — reiteramos os nossos parabéns e votos de felicidades.

— Ao nosso prezado amigo Sr. Damião do Sousa Oliveira, benquista e considerado agente industrial, tomamos a liberdade de aqui renovar publicamente, o nosso reconhecimento pela gentileza da sua atenção, que, particularmente, nos sensibilizou.

— Consta-nos que, possivelmente no próximo Janeiro, terão início os trabalhos para a colocação de paralelepípedos na estrada, do entroncamento até esta vila, tornando-se assim extenuante até Vizela — como é justo — este melhoramento de tão grande e reconhecida utilidade.

Segundo nos informaram pensava-se, até, que tal melhoramento será executado desde esta vila até Felgueiras, cuja estrada de ligação está, de facto, em péssimo estado, e tem um trânsito muito importante, que não pode desprezar-se. Bom será que as entidades mais directamente interessadas não deixem passar a ocasião de *apertar* com o assunto para que a digna Direcção das Obras Públicas mande efectivamente proceder a tão importante melhoramento, seguindo, desta forma, por toda a parte, o mesmo critério de renovação duradoura das estradas do país, a que vem procedendo, com todo o zelo e cuidado. Por isso mesmo merece os aplausos unânimes do país, e é digna da melhor consideração geral.

— Constatando nos que as Direcções, respectivamente, do "Futebol Club de Vizela", e do "Moreirense Futebol Club", estão, presentemente, nas melhores relações de cortezia e amizade. Muito nos regosijamos com esse facto, pelo qual sentimos particular estima e afeição.

E por esse motivo — que já é um bom augúrio para o próximo encontro "Vizela-Moreira", — aqui felicitamos sinceramente as duas Direcções, iniciando as a que sempre trilharam esse caminho da boa amizade e harmonia, para que nestas duas povoações tão vizinhas e ligadas, jamais deixe de haver optima camaradagem, socorro, paz e amizade.

São os votos que desajosamente vimos formulando e que, intransigentemente manteremos.

— O "Moreirense Futebol Club", que, no passado domingo, foi jogado a Delães, saiu vencedor por 3-2.

— Finalmente está quasi concluído o nosso campo de futebol, que fica em excelentes condições. Parece que o 1.º jogo será, segundo ouvimos, no dia 10 do corrente, com um grupo de Bairro — Famação.

Todos os domingos tem havido treinos.

— Faleceu, no Porto, o sr. Ernesto Bravo, cuja morte toda a Vizela profundamente lamenta, não só porque era seu filho muito dilecto e querido, mas, também, pelas suas virtuosas qualidades, que a todos se impunham, ainda, pela nobreza do seu carácter.

Paz à sua alma. Pêzames à sua família. — C.

Moreira de Cónegos, 30.

Que maçada...

Cá temos outra vez o octagenário do senhor Rodrigo da Lamela aos tombos com a fonte de Azeite!

Que quererá S. Ex.ª?

Saber quem furou o depósito da água?

Para isso não é preciso chamar à polícia todos os habitantes da freguesia, porque os próprios que o fizeram, são os primeiros a confessá-lo. Pois nisso há o mais pequeno segredo, sabido que foi um trabalho feito bem de dia e à frente de quem quizesse.

Quem foi, afinal?

Toda a gente que daquela água se serve; mas centenas de pessoas!

Uns tocaram as cornetas, (sinal combinado para a comparecência de todos naquela fonte); outros levaram ponteiros e as macetas; outros deram o cano para meter no furo que se ia fazer, para poderem tomar a água. E assim sucessivamente.

Podem não fazerem assim!

Ja por aí azeite gentinha buscar a água ao Rio Vizela?

E esse mesmo fica meia légua distante.

No entanto, ainda foram prudentes. Antes de tudo foram ter com quem de direito, expou-lo-lhe as condições em que estava a fonte, que, além de ser um precipício, para as crianças, principalmente, que algumas já lá caíram, sendo retiradas por alguém que ali passava, porque se não afogariam, não podiam tomar a água de que necessitavam. Porém, o caso não tendo a

solução rápida que se exigia, resolveram remediá-lo por si. E achamos que tiveram razão.

Era uma tristezia ser preciso mendigar água por aqui e por ali. Não faltava mais nada, aquele povinho que tanto trabalhava para ganhar o escasso pão e ainda não havia de ter água para o anafar, por causa dos dois carros de primaveras do senhor Rodrigo da Lamela! Ora! ora!

O povo é um malandro, senhor Rodrigo, andar a fazer pouco de quem é pobre!... — C.

UMA CARTA

Com pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

FINIS

«Como julgo fazer com esta carta o fim dum assunto de maior importância, encarecidamente rogo ao sr. director do «Notícias de Guimarães» a publicação destas linhas, com a minha palavra de não mexer mais neste temporal em copo de água, do caso do Futebol Moreira-Vizela.

Vamos tratar deste assunto em «laia» musical, e quer saber o meu Ex.º amigo, qual a razão?

E' porque eu, meu ilustre atacante, tive os meus princípios num estabelecimento de ensino musical, a sublime arte das artes, herança imortal dos geniais Mozart, Schubert e outros, que se chama Conservatório de Música do Porto e aí tive por paixão musical, piano, e como sei que o meu Ex.º amigo teve paixão por violino, que popularmente é conhecido por outro nome, é razão de dar preferência a que este assunto seja tratado musicalmente. Para início quero meu Ex.º amigo lembrar que o instrumento que se julga mais senhor de si, que mais se julga volumoso e que mais terreno ocupa é o bombo e que na realidade o que mais dispensável é, e que julgo o meu Ex.º amigo a altura de o exibir, bem como o meu corpo, bastante frágil de construção (infelizmente), julgo-me na altura da batuta, para assim melhor poder dar entrada, bem dirigir e melhor finalizar este concerto musical em que a sua atitude me quer dar a lembrança de um dos ditos instrumentos, violino ou bombo.

Sendo assim e já que o meu amigo quer música, vamos dar entrada a um pequeno número, limitado ao espaço precioso que roubamos ao querido «Notícias» e assim o amigo toca violino à Paganini e eu farei por ser um fiel acompanhador, dirigindo a partitura, pedindo ao amigo toda a atenção para que não tenhamos desafinação.

Agradeço as boas referências que teve a gentileza de me fazer e venho novamente à cena para voltar a afirmar o que na minha carta disse e para não sair fora do assunto não tenho que aumentar um ponto ou diminuir uma vírgula, como é de uso dizer-se. Lamento Vizela não ser dotada de correspondentes que tem Madrinhas Fadas, que lhes dão conselhos quando e como devem escrever, e quer o meu Ex.º amigo e desconhecido atacante saber qual a razão?

Porque assim também teríamos informações preciosas como esta que nos é dada pelo povo (que é o mais que temos de informações).

Que uma comissão do Moreirense já distribuiu convites para o pomposo funeral do Futebol Club de Vizela, que o cangalheiro já fez entrega da respectiva urna, que toda a armação foi por gentileza para com o futuro morto, feita e coberta com as cores azul-branco.

Verdade? Mentira? Já não acuso o sr. correspondente de ter culpa, mas o que é verdade é que estas informações a pesar de as julgarmos de várias maneiras, são informações de quem não tem Madrinhas Fadas.

Como o meu Ex.º amigo vê sou apenas justo e ainda não saí fora do 3/4 em que prometi dirigir o bocadinho musical em que o amigo toca violino.

Todos os que se prezam, tem dignidade, brio e acima de tudo um pouco de bairrismo, não ficam indiferentes quando qualquer Zé dos Anzóis, armado de pena, ataca o que lhe é mais querido, nas agremiações da sua terra, demais a mais, sem ser justo o ataque.

Eu tendo apenas dois predicações não me podia calar, e como o meu amigo bem o dizia, para não morrer fada, e informo-o que direi toda a minha vida:

1.º — Estou sempre pronto a tomar na medida das minhas forças a defesa de todo que seja de Vizela e em benefício de Vizela.

2.º — Nunca procurarei incitar elementos a incorrecções, apenas farei quanto possível para que tudo corra dentro da maior calma e útil cooperação a bem do Desporto.

Não deixo de dizer que muitas vezes não gosto de certas coisas, mas sou obrigado a comer e o meu Ex.º desconhecido atacante, mesmo contra vontade terá muitas vezes também de comer o que não goste, desde que a sua Fada Madrinha, por artes mágicas lhe não modifique o menu.

Desculpe, meu ilustre amigo, mas a direcção do Futebol Club de Vizela não tentou levar ninguém, e a prova tem o meu amigo, nas melhores relações em que hoje vivem os dois clubs.

Meu amigo, agora que vai finalizar a música, quero dizer-lhe: ninguém procura deitar lenha ao fogo mal extinto, porque se esse lume se revive, é mais quente, mais forte e por tal mais perigoso.

Na próxima visita do Moreirense

Futebol Club a Vizela podem os moreirense acompanhar o seu grupo com a maior tranquilidade, porque aqui, quem nos visitar e for correcto verá toda a estima do povo da Rainha das Termas de Portugal, mas quem for músico d'aldeia, e por tal venha com sustenidos na pauta e lhe der o nome de escadotes, terá em troca bombois com bombos.

Razão para todos se compenetrarem dos seus deveres de cidadãos educados e correctos, a fim-de que cada dia que passa, seja maior e melhor, a educação desportiva.

Julgo ficar assim, em laia musical, terminado este assunto de amor bairrista vizelense e moreirense, pelo que o abraço o Secretário da A. Geral do F. C. de Vizela,

Vizela, 22 de Novembro de 1939

José Luiz de Almeida.

Vida Artística

Banda dos B. Voluntários

O anunciado concerto da Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Guimarães realizou-se no penúltimo domingo no jardim público perante numerosa assistência que ali foi atraída pela curiosidade de ouvir as duas operetas do programa — «Burro do sr. Alcaide» e «Sinos de Corneville» — que há bons 40 anos foram postas em cena no extinto Teatro de D. Afonso Henriques, desta cidade, onde foram apreciadas com entusiasmo pela composição musical que as enriquece. Nessa época em Guimarães sabia-se apreciar música.

Começou o concerto, depois da marcha de abertura, pela antiga mas sempre bela sinfonia *Poète et Paysan*, do autor Suppe, muito de nós conhecida pelas repetidas audições a que agradavelmente temos assistido e que de cada vez mais nos revelam as belezas da sua inspiração e arte, cheia de colorido e encanto, num ritmo de harmonia e suavidade que nos extasia. Desempenho superior ao previsto, revelando o conjunto da execução, correcta afinação de sons, equilíbrio de sonoridade, justeza de combinação e andamento. Salientaremos, com agrado, o solo do saxofone contralto, que, integrado nas dificuldades da dicção, soube traduzir, com relativa nitidez, o deleite desse famoso trecho tam empolgante de simpatia como encantador de sonoridade e beleza. Os demais componentes da instrumentação portaram-se disciplinados na execução e obedientes à regência.

Entramos agora na opereta *Ciriaco de Cardoso*, esse grande músico que honrou o teatro português com várias composições e fez uma época de arte no meio artístico do Porto, musicou a peça do «Burro do Senhor Alcaide», com as expressões do seu talento, tornando-a popular e desejada pelas belezas de composição que contém. Se fosse possível Ciriaco assistir à execução da sua luminosa partitura, neste concerto, não regatearia o seu aplauso, constatando todavia que dentro das deficiências do arranjo executado da primorosa partitura do «Burro do Senhor Alcaide, adaptada a banda, houve trabalho e esforço para suprir essas deficiências e aproximar o conjunto executante da instrumentação original. Todas as passagens que ornamentam a opereta foram executadas com entusiasmo e arte, à parte insignificantes faltas de firmeza na dicção do cornetim, a quem não deixamos de reconhecer aptidões para sobressair e elevar-se, se com vontade e amor se dedicar ao instrumento. O barítono correcto e firme como sempre o temos apreciado. E o naipe dos clarinetes, certos e ligados na sua técnica, prestou à execução a sua brilhante cooperação.

Os sinos de Corneville, peça admirável, foi interpretada com relativo rigor e executada com entusiasmo, notando-se as partes cantantes desguarnecidas de instrumentação, ainda por deficiências do arranjo para banda, o que concorreu para menor brilhantismo.

Não obstante, a banda honrou a fama da partitura e não é de mais afirmar que conseguiu agradar e dar-nos a reviviscência da audição de há tantos e saudosos anos.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

J. G.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

Parabéns a Joaquim Guise, regente da banda; parabéns a todos os componentes dela e juntamente os nossos desejos de que esse organismo musical procure progredir e engrandecer-se para honra sua e desta terra que lhe presta simpatia e carinho.

acabar, e pelo contrário, desenvolve-se, tornando-se uma obra mais perfeita. Isto é uma escola de arte, e portanto muito digna de ser auxiliada, pois nem só de pão vive o homem, mas sim muito, do pão do espírito.

Finda a primeira parte com a ausência do P.º Maia dos Santos, surgiu a segunda fase com o então Tenente Artur R. Dantas, Dig.º Chefe da Banda do R. I. 20, tendo desta vez conquistado novos triunfos, pelo seu temperamento bem artístico e arrojado.

Finda esta parte com a ausência deste, surgiu esta a terceira fase, a actual em 1936, tendo como regente o maestro Sr. Filinto Nina.

Desde então até cá tem sido uma luta heróica o poder ainda sustentarem-se esse agrupamento de rapazes cheios de vontade e amor à causa, pois há quem tenha lutado com verdadeiro estoicismo, no seu querer, bem dignos de ser notados e aplaudidos, sobrepondo-se ou elevando-se a pequena figura do seu maestro, nosso bom amigo Sr. Filinto Nina, que se tem sacrificado pelo agrupamento que formou, e do qual é a sua verdadeira alma, tendo como seu auxiliar o nosso também amigo Sr. António Guise, um bom elemento a destacar.

Como ultimamente este grupo coral reagiu voltando a ser o *Orfeão de Guimarães*, fazemos votos para que continue com aquele entusiasmo bem próprio do bairrismo dos seus componentes.

Mantém nesta terceira fase uma sede que honra Guimarães e a sua Dig.ª Direcção, da qual, alguns elementos fazem parte desde o seu início, tendo como chefe ou presidente a figura venerável e bondosa do nosso amigo, Sr. P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida.

Vimaranenses, é este agrupamento artístico que vós tendes sempre de acarinhar com o vosso nunca desmentido bairrismo, bem posto à prova quando as circunstâncias o exigem.

A. M.

Vida Associativa

Sindicato Nacional da Indústria Têxtil

Sob a presidência do Sr. Manuel Magalhães, reuniu, no dia 29 de Novembro, pelas 18 horas, a Direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães, estando presentes os srs. António Manuel de Araújo e Francisco Gomes Alves Ferreira, respectivamente Secretário e Tesoureiro.

Depois de se proceder à leitura da sessão da acta anterior — que foi aprovada —, deu-se despacho a vários expedientes recebidos.

Em seguida, o sr. Presidente, propôs que ficasse exarado na acta, um voto de louvor a S. Ex.ª o Presidente da Câmara Municipal desta cidade, Sr. Dr. João Rocha dos Santos, pelo brilho desusado que alcançou o banquete de homenagem que lhe foi prestado no dia 28, pois, ali foram bem definidas as excelentes qualidades morais e materiais de Sua Ex.ª.

Ainda o sr. Presidente propôs a nomeação dos srs. João de Almeida Lopes e Abílio de Sousa Forte, para desempenharem, respectivamente as funções de Chefe de Secretaria e de Escrivão deste importante Sindicato.

Por último, foi resolvido efectuar-se os pagamentos nos dias 15 e 30 de cada mês, pelas 18 horas, e prevenir os srs. Sindicalizados que os serviços médicos entrem em vigor, gratuitamente, no dia 1 de Janeiro, do próximo ano, nos consultórios dos ilustres clínicos, Srs. Drs. João Faria Mota Prego, na Rua da República e Roque de Figueiredo, na Praça D. Afonso Henriques.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, cerca das 20 horas.

Associação Artística Vimaranense

Na Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense, realizou-se no passado dia 3 de Dezembro a eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1940, sendo aprovada a seguinte chapa:

Assembleia Geral — Presidente, Manuel Magalhães; 1.º Secretário, Adalino Joaquim Neves; 2.º, Rodrigo Coelho da Silva.

Direcção, efectiva — Presidente, José Alves Machado; Secretário, José da Costa Pacheco; Tesoureiro, José Francisco Carneiro; Vogais: Belmiro dos Santos Martins, Gabriel Pereira, João Artur Alves de Abreu e Francisco Marinho.

Substitutos — Presidente, António Alves Ferreira; Secretário, António Ferreira Leiras; Tesoureiro, António Fernandes; Vogais: António Ferreira de Macedo, António Pereira, António da Costa Mendes Guimarães e António da Costa.

Conselho Fiscal, efectivo — Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, António Pereira de Sousa e Francisco Ribeiro de Castro.

Substitutos — Domingos Duarte de Araújo Dantas, António Fernandes e Agostinho Carneiro.

Solfejo e Violino

Programa completo do Conservatório. Lição a Prof. MANUEL RUIVO.

Falar na Papelaria Oliveira & C.ª, R. da República, 11 — GUIMARÃIS

O NOTÍCIAS

DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, Ligorre, Povo, Roquete, (sin. e ling.) e Sinónimos de Bandeira.

Campionato Charadístico

Resultados do n.º 7 — 5.ª Série

Soluções

271) reclame; 272) porquê/a; 273) justo/a; 274) afoga/o; 275) ver-se/a; 276) esfoço/a; 277) ardor; 278) sécio; 279) estala; 280) parelhamento; 281) dilata; 282) arraquei; 283) beante; 284) galeão; 285) ANGLICO.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA: — *proteste* (clame); *voltar o começo também* (er = re) = reclame.

Quadro de distinção

N.º 273, 276, 281 e 285.

RELATÓRIO

Prezado LUSBEL

Procurando dar cumprimento à delicada missão de que o meu amigo me encarregou, sou de parecer que dos trabalhos publicados no n.º 7 (5.ª série), merecem destaque, os seguintes:

Em verso, 285.

Em prosa, 281, 276 e 273.

Fica sempre às ordens, o confrade

Doralvas.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 16)

Alguém, Alvarinto, Castela, Conde, Dado, Dilema, Don Zé Franuli, E'dipo, Fidélio, Fosquinha, Hanibal, Já Mexe, Jornabasil, Josilcar, Lérias, Madame Lérias, Miss Sporting, Oteblo, Pacatão, P. de Inkin, Psale, Quico, Reirobi, Mora Rei, Oraval, Rei Téxai, Ricardo, Romeu, Sabrigaita, Siulno, Soba da Torre e Tiuboe.

Totalistas.

Quadro de Mérito

Emecépé, Etnop, e Valis, 14; Agnus Matutis, Biscaro, Copofónico, Drope, Erbebo, Labita, Morenita, Rei Viola, Rotie, Vareira, X-8 e X-9, 13; Olegua e Quim Mosquito, 12; A. L. C., 11; Aza, Arliuo, Avlis Yur, Carlos Melo, Degas, Galhardo, Ivanoff, Jonh Biffe, Leinat, Morais, Rob, Vir Invictus e Zaroff, 10; Délia e Doralvas, 9.

DIPLOMATAS

ALVARINTO corresponden, mas ainda não respondem... A "peça", para o n.º 211, foi bem engrenada pelo dito, mas quebrou muitos dentes...

Charadismo

N.º 11 2.º Ano 5.ª Série

Charada em verso

(Ao Confrade Amigo OLHO DE LINCE)

Pela estrada da Vida vou seguindo — 2 em busca da Ventura idealizada, em procura da Paz, do Bem infuido, em inútil e longa caminhada!

Mas, por mais que procure, vou sentindo que só o *Mal* encontro na jornada, — 1 só a Desgraça, a Dor vou descrebindo na vereda da Vida maldadada!

Mas neste souho vou seguindo — 2 ante, na esperança cega, sempre confiante, embora veja que o meu souho é vão...

Sou como um *vagante* que abalou, e ao ponto de partida regressou cheio de descrença e de ilusão!

Enigma

332) (A ALGUÉM...)

Com enlaidado ao começar sem actividade usual pode mal bem tropeçar e começar então mal...

Subsista bem junto a si a fé nunca abandonada que acaba a intenção malévola sem a alma que de si ri assim não é obstinada toda a gente que é benévola.

Novíssimas

333) Este *"lente"*, tem apenas o defeito de ser muito melindroso. — 2 1

334) ... e *emprega nos recortes de varios instrumentos*, um simples palito. — 2 2

335) O grande meio de não causar remorso ao homem é dizer-lhe a verdade pura na sua singela grandeza. — 1 1

336) A honra acima de tudo! Procedimento magnífico, exemplo sublime! — 2 3

337) Por ventura o homem veio do nada? — 1 1

Sincopadas

(Ao Confrade DON RANFE, agra-decendo)

338) A *falsidade* desacredita aquele que a pratica. — 3 2

339) ... e no meu viver errante, passo... e vejo-te distante. — 3 2

340) Toda a noiva, antes de casar, transtorna a cabeça ao noivo. — 3 2

341) O *almôço* dado a alguns porteiros, arrecadores de ferragens, etc., é o meu *gosto*. — 3 2

342) *Prende a ave*, se não ela caca segunda vez. — 3 2

343) Uma voluntária falta às aulas, merece reprovação. — 3 2

344) Enquanto o rico se sustenta de iguarias, o pobre encontra no pão o melhor sustentáculo para o seu viver cheio de trabalhos. — 3 2

345) Ser pobre! que triste sorte. — 3 2

As listas do presente número devem estar em nosso poder até ao dia 31 de Dezembro.

Taça «Beneficência»

Para a disputa desta Taça, cujas condições já aqui publicamos, estão já inscritos:

PSOLE . . . n.º 1 a 5 5\$00
PACATÃO . . . " 6, 10 5\$00
JOHN BIFFE . . . " 11 1\$00
SIULNO . . . " 12 e 13 2\$00
ETNOP . . . " 14 " 15 2\$00
EMECÉPE . . . " 16 " 17 2\$00
VALIS . . . " 18 1\$00
LABITA . . . " 19 a 23 5\$00
VARIRIA . . . " 24 a 28 5\$00
DON ZÉ FRANULI . . . " 29 1\$50
Transporta 29\$50

Correio

SABRIGAITA: — Satisfarei o sen pedido logo que me seja possível. Dos trabalhos em referência, publica-se hoje o último. Deu-se um geito ao que estava errado e pronto! Saudações.

REI DO ORCO: — Vou tratar do seu pedido. Para lhe fazer a vontade, mande trabalhos em prosa.

O REIROBI andou à "trollha", com um vizinho. Quem sabe se será por causa dos nabos!

ALGUÉM: — Obrigado. Cá aguardo os vossos donativos. Tudo em ordem até ao n.º 9.